

CORREIO POPULAR

digital

Correio Digital Vivemos a era do lixo eletrônico

/ POR SOLUÇÃO / A partir desta edição, o Correio Digital dá início a uma série sobre os problemas do descarte de peças de computador

Maria Fernanda Ribeiro
DA AGÊNCIA ANHANGÜERA
maria.ribeiro@rac.com.br



Efeito colateral do avanço tecnológico, o lixo eletrônico — o e-lixo — tem se transformado em um entrave para a indústria e preocupação para ambientalistas. Ainda não existem números oficiais, mas estimativas do movimento Green Peace apontam para uma enorme dor de cabeça: a cada ano, o mundo produz pelo menos 50 milhões de toneladas de e-lixo, o correspondente a 5% de todo o lixo gerado pela humanidade. Também não há uma avaliação precisa sobre a quantidade desse tipo de lixo gerado no Brasil, mas o problema não é menor por aqui.

No ano passado foram vendidos mais de 7 milhões de computadores e a cada quatro ou cinco anos esses equipamentos são renovados. Assim, é possível imaginar que a maioria desses resíduos eletrônicos irão parar nos aterros sanitários se o País não implementar de uma vez por todas a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Em 2008, 8,5 milhões de computadores serão vendidos, segundo dados da IDC Brasil e de acordo com dados do Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), nove em cada dez lares brasileiros têm pelo menos um televisor. A Microsoft, que sozinha emprega mais de 50 mil pessoas em todo o mundo, costuma trocar 100% de seus computadores de três em três anos.

O lixo eletrônico é composto por todo o tipo de sucata eletrônica, desde as baterias de celulares até computadores e televisores inteiros, e também velharias do mundo da informática, já que tais produtos se tornam obsoletos em um curto espaço de tempo. Os resíduos desses componentes podem ser altamente tóxicos em contato com o meio ambiente. Nas pilhas e baterias encontramos cádmio, chumbo e mercúrio. Todos afetam o sistema nervoso central, o fígado, os rins e os pulmões, pois eles são bioacumulativos. O cádmio é cancerígeno, o chumbo pode provocar anemia, debilidade e paralisia parcial. O mercúrio, mutação genética.

A partir de hoje o caderno Correio Digital vai publicar uma série de reportagens sobre o e-lixo e tratar possíveis soluções, danos ao meio ambiente, a política de resíduos sólidos no País, tecnologias disponíveis e iniciativas que deram certo.

Enquanto uns não querem nem saber do destino do e-lixo, outros já descobriram oportunidades de lucro vindas dessa nova sucata. Os países em desenvolvimento foram os primeiros a perceber como tirar proveito do que está sendo jogado fora. Metais preciosos, como a prata e o ouro, além de valiosos, podem ser 98% reutilizados. Segundo a revista americana Foreign Policy, há mais ouro em 1 tonelada de computadores do que em 17 toneladas do minério bruto.

O Brasil já dá os primeiros passos para o reaproveitamento do material e empresas da região utilizam a mão-de-obra humana para desmontarem a sucata eletrônica e transformarem os produtos em matéria-prima novamente. Na Oxil, em Paulínia, os resíduos são transformados em commodities. Na Cimélia, em Campinas, os produtos são triturados e exportados via container para Cingapura e lá viram matéria-prima de novo.

Para ajudar empresas como essas no trabalho de triagem das peças, um robô está sendo testado na Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos, em parceria com o Instituto Fábrica do Milênio, órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, e pesquisadores da Universidade Técnica de Berlim. Ele servirá para fazer uma pré-triagem dos materiais de informática que podem ser usados numa futura reciclagem.

Segundo estimativas não oficiais, o lixo eletrônico no Brasil soma milhões de toneladas por ano e tem um potencial econômico para movimentar R\$ 8 bilhões anualmente, quantia considerada pelo professor e consultor internacional na área de gestão ambiental de resíduos sólidos urbanos, Márcio Magera, substancial para a instalação de vários empreendimentos de médio porte, caso houvesse uma política nacional de incentivos governamentais para essa finalidade.

Reciclado

Em Campinas, a caseira Ester Pereira de Oliveira, de 50 anos, ganhou o seu primeiro computador de um equipamento que chegou do lixo. Em Americana, na Sucata de Informática Rossi, onde monitores queimados, placas-mãe quebradas e estabilizadores de energia enferrujados formam uma pilha de um metro de altura à céu aberto, catadores de sucata sobrevivem do e-lixo, assim como nos aterros.

No Congresso, uma lei que pode mudar tudo

Projeto enviado pelo Governo Federal prevê a instituição da Política Nacional de Resíduos Sólidos

Tramita no Congresso Nacional a Política Nacional de Resíduos Sólidos que prevê para a indústria capítulos polêmicos, pois atribui ao setor a responsabilidade para a manufatura inversa. Ou seja, o processo de recolhimento dos produtos e a destinação final adequada.

No início de setembro do ano passado, num evento que reuniu a ministra do Meio Ambiente Marina Silva, o ministro das Cidades Márcio Fortes de Almeida e um representante do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou e encaminhou ao Congresso o projeto de lei número 1991/07. Composto por 33 artigos, o projeto prevê instituir a Política Nacional de Resíduos Sólidos.

Se aprovada, a lei obrigará os fabricantes de computadores, teclados, mouses, geladeiras, televisores e outros aparelhos a adotar medidas de compensação ambiental e a promover ações constantes de reciclagem. Além disso, deverão encontrar formas de garantir uma destinação final ecologicamente adequada para tudo que venderem no Brasil. A lei nasceu quase meio século depois da construção do primeiro computador brasileiro.

De acordo com o secretário nacional de Recursos Hídricos e Ambiente Urbano do Ministério do Meio Ambiente, Luciano Zica, a previsão é de que a lei seja votada em abril deste ano. Ele afirmou, no entanto, que caberá também aos municípios criarem mecanismos para a coleta correta do lixo eletrônico do cidadão comum. Uma das alternativas são postos de coleta avançada. Por enquanto, alguns municípios contam apenas com pontos específicos para a destinação de pilhas e baterias, mas a partir de iniciativas privadas.

Segundo André Luis Saraiva, diretor da área de Meio Ambiente, da Associação Brasileira de Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), a responsabilidade não deve ser apenas do fabricante. “A sociedade está consciente com o problema, mas não comprometida com o problema. É preciso uma campanha em massa”, afirma.

Saraiva disse ser necessário rever o modelo de negócio e de consumo. Para ele, os fabricantes ainda vão criar mecanismos no qual o consumidor compra o direito de usar os aparelhos, mas não terá o direito de dar a destinação final deles, como em um sistema de comodato. Na verdade, funcionaria como um aluguel, com o pagamento de taxas mensais para as pessoas terem o direito de usar determinado eletroeletrônico. E a destinação correta estaria garantida. (MFR/AAN)

Deposição em aterros é risco ao meio ambiente

O professor de Análise de Sistemas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), André Luís dos Reis Gomes de Carvalho, afirmou que a deposição de lixo eletrônico em aterros comuns representa um sério risco para o meio ambiente, já que na constituição de tais equipamentos podemos observar metais pesados altamente tóxicos como, por exemplo, chumbo, mercúrio, berílio e cádmio.

“Uma vez nos lixões, o efeito de tais elementos é sempre nefasto, pois se recolhidos por pessoas que sobrevivem de vender materiais recolhidos do lixo, podem vir a causar nos mesmos graves doenças, em contato puro e simples com o solo, podem contaminar o lençol freático e, se queimados, acabam por poluir o ar”, diz o professor.

Para os usuários que não sabem o que fazer com as “velharias” que têm em casa, o professor recomenda nunca descartar computadores ou peça deles no lixo comum e tentar encontrar alternativas para reutilização desses, como localizar organizações que possam usar o equipamento para a educação e inclusão digital, aproveitar o equipamento obsoleto para servir como roteador de rede ou guardar o equipamento até encontrar uma forma adequada de descarte. (MFR/AAN)

SAIBA MAIS

Os temas tratados nessa primeira reportagem sobre lixo eletrônico serão ampliados nas próximas quatro edições do Correio Digital. Em cada uma das semanas subsequentes, as mais diversas formas de como o problema do e-lixo está sendo encarado, desde empresas que conseguem reciclar e fazer computadores, hardwares e periféricos virar dinheiro e mercado de trabalho, até pessoas que vivem do lixo eletrônico. Há quem consiga a inclusão digital graças a restos de PCs e linhas de estudo de pesquisador universitário para obter maior aproveitamento em tudo que se pode reciclar. Enfim, um tema que a sociedade atual não pode deixar de lado, sob pena de destruir o próprio planeta.

O NÚMERO

8,5 MILHÕES

De computadores deverão ser vendidos este ano no Brasil

Fonte: Correio Digital online (03/03/2008) - <http://www.cpopular.com.br>